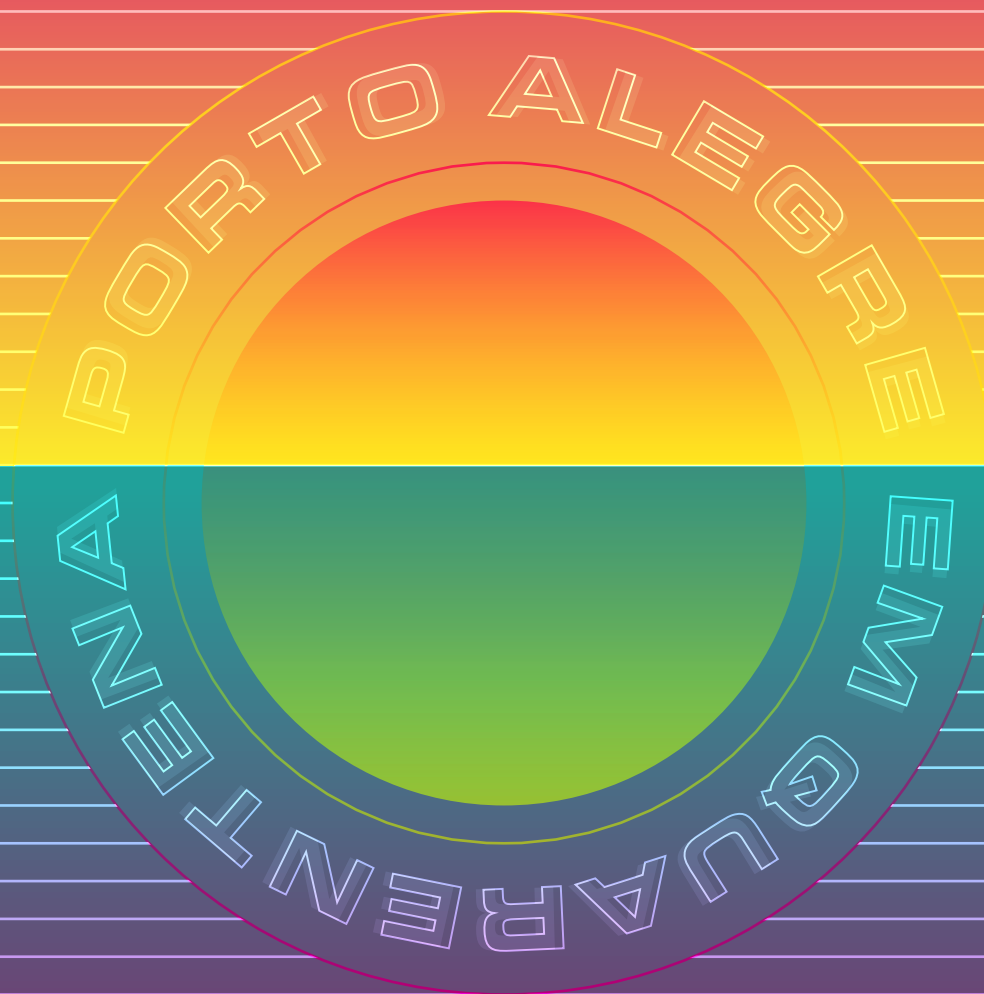


46 poetas



FIGURA

de linguagem

organização | camilo mattar raabe | diego grande

ERIOS
SUN



05_ **Apresentação**

08_ **Poemas**

09_Alexandra Lopes Da Cunha

10_Alexandre Brito

11_Ana Santos

12_Andreia Laimer

13_Ángela Cuartas

14_Armando Trevisan

16_Camilo Mattar Raabe

17_Celso Gutfreind

19_César Pereira

20_Christine Gryscek

21_Denise Freitas

22_Diego Grando

23_Diego Petrarca

24_Donaldo Schüler

26_Eliane Marques

27_Fernanda Bastos

29_Gisela Rodrigues

30_Gonçalo Ferraz

31_Guto Leite

32_Jeferson Tenório

33_João Pedro Wapler

34_José Eduardo Degrazia

36_José Francisco Botelho

37_Juliana Maffeis

39_Jussara Cony

40_Laís Chaffe

41_Lilian Rocha

42_Lucas Krüger

43_Luiz de Miranda

44_Maria Carpi

45_Maria Helena Weber

46_Mariam Pessah

49_Marília Floôr Kosby

50_Mario Pirata

51_Marlon Pires Ramos

52_Moema Vilela

53_Natália Pagot

54_Paulo Neves

55_Pedro Dziejzinski

56_Pedro Gonzaga

58_Rafael Bán Jacobsen

60_Ricardo Silvestrin

61_Richard Serrania

62_Roberto Schmitt-Prym

63_Ronald Augusto

64_Ryan Mainardi

66_ **As autoras, os autores**

BOARD APPRESENTATION

PORTO ALEGRE EM QUARENTENA, A QUEM INTERESSAR POSSA

Quando tudo isso for passado, o que diremos de 2020, o ano em que a pandemia de Covid-19 alterou rotas e rotinas, o ano em que nos habituamos às máscaras e à escassez de abraços e apertos de mãos, o ano em que ficamos em casa? E o que dirão as gerações que não estavam aqui para ver, que olharão para este agora apenas pelas lentes da História, confusas entre os bilhões de documentos esparsos – verbais, audiovisuais, hipertextuais – que deixaremos, talvez esquecidos, em cartões de memória, em cantos de nuvens e em redes sociais desativadas?

Não temos – felizmente, sublinhe-se – as respostas.

Mais perguntas: que interesse têm, hoje, as manifestações artísticas que colocam em cena justamente a pandemia e suas várias arestas? E as que não colocam? Que interesse terão, para o público do futuro, as obras produzidas nesse período, falando dele (ou não) de forma intencional? Do que estarão falando realmente? O que terá escapado? Afinal, o que se diz sobre viver uma pandemia quando não se quer falar dela? E o que se diz sobre outras coisas quando se quer falar de uma pandemia?

Na própria definição do termo, uma pandemia é a disseminação de uma nova doença em escala mundial. Estamos todos no mundo, é certo, mas

estamos nele a partir do nosso corpo, da nossa casa e da nossa cidade – daí por diante é tudo verdade, mas uma verdade um tanto abstrata, inapreensível. Com os corpos em risco, é preciso evitar os espaços comuns, as aglomerações. É preciso, portanto, evitar a cidade (isso no melhor dos cenários, quando as condições individuais, familiares, sociais, sanitárias e políticas permitem fazê-lo). E assim restamos nós, nossos corpos em nossas casas, mais do que nunca conectados com o mundo – mas a nossa cidade, esse espaço compartilhado dos nossos deslocamentos e encontros cotidianos, onde foi parar?

Eis uma pergunta possível, que é vivenciada – mesmo que não seja explicitamente formulada – por todos nós, agora numa primeira pessoa do plural ligada a coordenadas geográficas bem específicas: onde foi parar a nossa Porto Alegre enquanto nossos corpos estão em nossas casas?

Cá estamos nós.

Em meados de junho – ou seja, passados pouco mais de três meses desde o registro do primeiro caso de coronavírus por aqui e o início das políticas de isolamento social, e sem qualquer perspectiva de término dessa situação – tivemos a ideia de organizar esta coletânea. O mote: reunir poetas que vivem em Porto Alegre,

cada poeta contribuindo com um poema escrito durante a quarentena, sem a obrigação de falar dela, também sem a proibição. Uma forma, nos parecia de antemão, não de responder a todos esses questionamentos, mas de acrescentar perguntas – ou de refazê-las, agora em chave sensível, e não analítica.

Foi rápido que listamos, entre textos e áudios que iam de um lado para outro, um número considerável de poetas, e mais rápido ainda que obtivemos um sonoro sim, em reunião virtual, dos editores da Figura de Linguagem. Talvez não fosse assim em outro cenário.

Ao longo do mês de julho, conseguimos reunir 46 poetas de origens, gerações, trajetórias estéticas e dicções muito variadas. Todos aceitaram embarcar neste projeto feito, do princípio ao fim, na base da colaboração: as autoras e os autores não receberam cachê, os organizadores e o diagramador tampouco, os editores toparam em colocar em circulação um livro eletrônico de distribuição gratuita. Um anti-produto, em todos os sentidos. Uma conjunção de fatores e sonhadores, ao que tudo indica, que só a poesia consegue produzir.

Aliás, há quem diga – não há consenso entre nós – que a poesia pode atenuar os efeitos desse período e oferecer algum tipo de conforto, seja ajudando a esquecer o que incomoda,

seja ajudando a lembrar o que importa. Também há quem diga – ainda sem consenso – exatamente o contrário, que não cabe à poesia querer atenuar efeito de nada, nem oferecer conforto algum. Independente do que a poesia possa ou queira, durante a pandemia que nos rodeia ou depois dela, o fato é que Porto Alegre tem muitas e muitos poetas, e isso sim deve querer dizer alguma coisa.

Este livro reúne uma quantidade significativa – um número irresponsável de pessoas, se se tratasse de um encontro, e não de um livro – de poetas que vivem num mesmo lugar. Testemunhos do agora, documentos para o futuro ou obras que transcendem as circunstâncias sob as quais foram produzidas? Mais uma pergunta que não temos condições de responder.

Os poemas aqui reunidos formam, enfim, um retrato de um tempo e de uma cidade: um 2020 que corre estranho, uma Porto Alegre onde estamos sem estar.

Camilo Mattar Raabe
e Diego Grando
junho - outubro de 2020

SP
O
E
M
A



*Amapola, amapola
voy a tener treinta años.
Vicente Huidobro.*

Da janela, observo um recorte do mundo:
uma paisagem quase estática, não fossem as mudanças de luz,
_as impermanências climáticas,
o suceder dos dias quase idênticos no calendário.
Passaram-se meses, passaram-se anos e eu,
eu assisti às mudanças de luz, às impermanências climáticas,
ao suceder dos dias quase idênticos por detrás de alguma
_janela,
e, por mais que me julgasse apenas isso: espectadora,
a passagem dos dias, meses e anos, atingiu-me de cheio:
_envelheci.

Envelheceste, afirma o espelho, ele sim, veraz testemunha
_da imparável torrente do tempo.

Dias, meses, anos – quase cinquenta –
e eu a assistir, quase estática, o cataclismo do mundo
_domesticado

circunscrito aos limites do meu jardim.
Quase nada mudou, mas as árvores não são as mesmas,
as aves perderam a voz ou a plumagem e as pedras,
as pedras permaneceram presas ao coletivo dos muros.

Se almejares respostas, pergunte às pedras,
prostre-se diante delas, curve-se como fazem os judeus
junto aos escombros do templo de Salomão.
O silêncio é a mais contundente confirmação,
a mais verdadeira e dura, mas, ao escutares o vazio do som,
O alívio adentrará teu corpo e descansarás, por fim.

Envelheci, diz-me o espelho e não lamento ou contesto.
Não mais me perturba a impermanência ou o suceder célere
_dos dias
a galope sobre as folhas do calendário, nem as tempestades
_solares,
as inundações, os degelos.
Agarro-me à fixidez das pedras junto ao muro em escombros
que, outrora, delimitava os limites do meu quintal.
Ouço das pedras o silêncio. É o que me basta.

alguns anjos não têm asas
manuseiam catéteres, sondas, bolsas de plasma
não são personagens de contos de fadas
entubam, aplicam injeções, cuidam de escaras

conhecem a finitude de perto
a morte de frente, o fim certo
sabem o vírus perverso
o lento progresso incerto

fazem de cada leito um fronte
e mesmo quando o horizonte finda
dizem, não ainda, não agora, não hoje
e tomam de assalto o barco de Caronte

alguns anjos não acreditam em anjos
alguns anjos anjos não são
qual monges, dedicam a vida à vida
com suas roupas de puro algodão

Morto, o pássaro
está a salvo:
não há risco após a queda.

Então por que me espantam
seu sono,
seu silêncio,
o baque ao pé
da árvore, igual
ao de uma fruta
podre
qualquer,
seu corpo dissecável,
onde, buscando, eu acharia
uma garganta, um coração
quieto?

Dizem que certos pássaros
dormem voando –
este talvez
voe dormindo.

Há uma batalha travada
com os neurônios
e os demônios
para ouvir
por dentro
La vie en rose

Uma luta
com as lágrimas
da criança de dentro
e da criança de fora
pedindo mãe
para ouvir *La vie en rose*

Uma disputa
com o caos da casa
com a fome
fácil de saciar
com o tempo
dono do esquecimento
Para manter acesa
a chama na mente

La vie en rose, La vie en rose

A Cidade Baixa agora
fantasma lá fora
A quarentena de privilégios
não importam nessa miséria
de lapso

Somente *La vie en Rose*

refrão colorido
degladiando com a escuridão
de dentro
para manter por alguns segundos
uma semente de luz

aquela luz dos alumbramentos

as âncoras
as bóias que me lanço
para me salvarem
de me afogar de vez no desespero
La vie en rose
para ser tocada nas cordas
nas fibras
do coração dos estúpidos

La vie en rose
para tentar esquecer
a fome real
daqueles que têm fome
daqueles que não
podem ouvir
La vie en rose
nos *streamings*
nos extremos
de suas pressas

La vie en rose
via respiratória
abrindo a picadas
as narinas
congestionadas pela rinite
da apatia
degladiando com as mucosas
pelo direito de respirar
pelo nariz
inalar da janela
a liberdade dos loucos

La vie en rose
para trocar cartas com a morte
como fazia Frida Kahlo
presa à dor
ao amor
e à arte

La vie en Rose
caminhos do sangue
veias abertas da vida
que têm que dar jeito
de continuar
agora
por vias mais cinzas
do que cor de rosa
até que se permita
poder sair para a rua
e abraçar
impunemente alguém
ao som
de *La vie en Rose*.

**VARIAÇÕES
DO NAUFRÁGIO
OU PUCHEU
E DRUMMOND
POR RICH**

_tradução de
Diego Grando

Aqui embaixo, entre corais
respiro diferente.
Fácil esquecer as razões
— minhas razões
rastejam como insetos
no elemento profundo.

Entre corais
aprendo a reconhecer
a arbitrariedade
do desvio
aprendo a expandir
os pulmões o estômago
as veias o peito
que ainda sente a fome
dos filhos não nascidos.

Aqui embaixo, na superfície
do lado contrário do mundo
entre corais
respiro diferente:

deslizo uma luz tranquila
que vai inundando as dobras inferiores
entranhas de mar adentro
restos de coração pequeno
e ainda assim maior
que o lado contrário do mundo
que cresce entre a vida e o fogo
entre o amor e o fogo

que não é fogo, é navalha,
é grito, é rito, é luto
aqui embaixo, entre corais.

LAMENTAÇÃO
COM LÁGRIMAS
SOBRE A
HUMANIDADE
FERIDA

Oh!... que visão deprimente
descobrir – na Pandemia –

que a Natureza prosseguia
o seu curso natural,

como se os homens não existissem!
Eles morriam, aos milhares,

em suas casas e hospitais,
em seus asilos geriátricos,

em seus cortiços periféricos;
ou em palácios barrocos

decorados por Veronese.
De repente... a respiração

abandonou os morituros!
No espaço lá fora, ao sol,

as cerejeiras floresciaam,
e os pessegueiros produziam

suas habituais resinas
perfumadas e opalinas...

Teria, talvez, ocorrido
um divórcio inesperado

entre os *reis da criação*
e os lírios do campo e as aves

Houve algo de funesto
na harmonia natural:

a abdicação imprevista
do império do Racional!

Desnorteada, a Humanidade
enfrentou uma proteína

rebelde, que por instantes
fez o mundo emudecer.

Os monarcas do poder
e das finanças mundiais

só, com lentidão irônica,
compreenderam a misteriosa

ligação da vida humana
com a vida dos animais.

Estes, em sua inocência,
não pressentiram jamais

(ou os ajudou o Instinto?)
que mantinham com os homens

I.

filamento o mistério d'água
no ar espiral de fumaça
pálida vapores de fogo

o jogo
a vida
a arte

tímida

os olhos janelas da alma
as janelas olhos do mundo

concreto

II.

a chuva cai
lá fora

a chuva
cai

na vidraça sua
mágoa es
corre

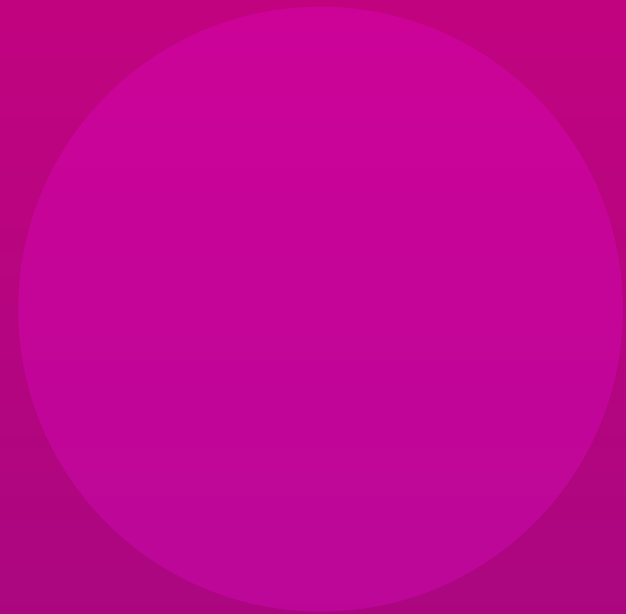
feito gota
desliza

sem resistência

os caminhos que
a gravidade lhe
impõe

descrevendo com clareza
na folha embaçada
da existência

Ganhei a força dos antepassados,
caminhar com o joelho estropiado
e percorrer distância suficiente
para ver o vale, depois do monte
e, tendo levado a uva e o vinho
e o outro à cata de testemunha
que sai do seu papel e sorve junto,
morar no imóvel velho e vazado,
secar cada parte da umidade
ou nem secar, porque a vida chama
e, depois de voltar de monte e vale,
jogar cartas sobre as partes mais secas
e, diante da doença e mesmo a morte,
não arredar um palmo das jogadas.



Palavra, palavra
Como é bom amá-la
em seu mistério de ilha
Seguir-lhe em pinça a trilha

Dente por dente trincá-la
em seu menor movimento

Palavra, palavra
Como é bom
abrir-lhe a casca
entender sua gema
não impor o tema
para não quebrar a leveza

Na cadência esmiuçá-la
Como quem soletra uma frase

Não basta o custo ao movê-la
Inocência ao domá-la
em seu moinho de vento
e desvendar seus refúgios
como quem tece um invento

Longo é o território da palavra
– artéria e labirinto
Onde inauguro auroras em seus domínios
– linguagem que galopa
no dicionário de meu sangue

Não levo fama
nem lama
na roupagem

Canto o que se faz sulco no rosto
sou da outra margem
invento poemas
e me equilíbrio
na doçura de seus favos.

regem uma última temporada um instante precoce
uma espécie de tempo calculado
que retornou à superfície rompendo equilíbrios
entre o ar e a vida, penso
ter tocado o sol antes de sair das pedras frias,
da dor que está
acontecendo nos aflitos as mortes sucedendo
o avanço do estado de abandono:
a proteção é afastada, dirigida
pelos que compram e vendem e enchem as arcas
de moedas
de células atingidas enquanto conversam
mas não questionam
nem o nome nem a memória está acontecendo
foi afetada a mente da colmeia
suspende
o ar abre e o ar fecha os olhos
nas mais antigas distâncias



A janela é tudo que sei
do mundo a essa altura dos dias.
Ao lado do muro a palmeira
física move uma floresta
inteira [ou a memória dela].

No cenário sem horizonte
possível ao redor da sombra
um bambuzal resmunga, range
horas ditando a noite imóvel.

Pássaros povoam o pouco
escuro estreito do céu entre
os bambus e a palmeira em frente.

lorem ipsum fecha a porta / tem miojo no jantar / nostradamus / vós travais /
eles trovam por wi-fi / quem tem boca fica em casa / não tem cão caça com
live / pandeguices / isquemias / esqueminhas confirmados / rivotril no dry
martini / gardenal com aperol / hoje a rave clandestina é num galpão em ivoti /
lorem ipsum segue o baile / vai à merda e volta atrás / como lidar / em
tempos de / seno b cosseno a / cloroquina mon amour / no dos outros é
refresco / quem furar o isolamento / não vai preso no quartel / vem roçar
essa mãozinha / marinada em álcool gel / vem roçar na minha tela / ou eu faço
um escarcéu / lorem ipsum vai no super / estocar papel higiênico / tem
entrega que é do bem / tem delivery do mal / tomar sol na basculante / já
virou lugar-comum / tomar água do chuveiro / não é novo nem normal
/ dormir cedo / acordar tarde / dormir tarde / acordar cedo / google
meet / zoom zoom zoom / não passou um avião / lorem ipsum coisa e tal

O dia seguinte
será o mesmo
dia do
dia anterior
deixo pra
fazer amanhã
mas lembrei
que hoje
há tempo
de sobra
e na verdade
quando se tem
todo esse tempo
nem parece
que existe
esse tempo
de sobra

até seria
possível simular
um evento
entre a sala
e o corredor
ou uma
peripécia no
quarto de
improviso ou
então uma
saudável caminhada
da cozinha
até o banheiro
mas o caminho

curto demais
sequer vislumbra
exercício físico

as três máscaras
mostram na
minha cara
uma nova
epiderme que
destoa da
franja da
testa e a
engrenagem se
repete almoço
as 14:30
e o pijama
tirado as 19:00
para logo mais
voltar a vestir
de madrugada

louça cama
banho e janta
dobrar roupas
varrer chão
e ver TV
são rituais
jamais cumpridos
com tanta
ênfase a
leitura se dispersa
nas inúmeras

conversas em
sucessivos toques
no celular
as lives
de shows
são sopros
de vida
há uma
casca que
se forma
no lugar
do vento

e se tudo
lá fora seguir
pra não
ser vivido
de verdade
estar sozinho
sem estar
sozinho e
quando chove
parece fazer
mais sentido
essa caverna

dormir é
acordar apenas
para logo
ali dar
um cochilo
tudo sempre

costurado por
várias xícaras
de café
engolido em
diferentes cômodos
para evitar
o déjà-vu
terça foi
quarta porque
hoje é sábado

a janela aberta
para que
o estreito
do sol
mantenha a
relação com
um corpo
lá fora
uma ilha
em pleno
apartamento

e eu
que antes
pensava não
saber aproveitar
a vida

as multidões sumiram, perambulam vultos, infratores como você. mascarados evitam você. por simpatia? por medo? o mundo de outros tempos te vem aos pedaços: braços, pernas, olhos, lentes. quem você é, quem você era, quem você seria? você vivia conectado, tempo é dinheiro, com bobagens tempo você não perdia, informações – montanhas de informações – inclinavam tua cabeça cansada, inventar você não precisava: o produto vinha pronto. você corria num mundo produtivo, você não sacrificava, o sacrificado era você, inteligente você era, inteligência de máquina, teu coração não pulsava por ninguém, você não precisava de ninguém, você não amava ninguém, você vivia num mundo sonoro, melodias esperam por você em caudas e nichos, você vivia em consonância com todos no melhor dos mundos. você era útil, José, instrumento de outros instrumentos, você produzia mais do que você podia, você ganhava mais do que você valia, você caía na cama morto de cansaço, outro prazer você não tinha. tua profissão exigia presença, você caprichava no terno e na gravata, sorrisos você vendia. valor é jogo, sorte que vem e que vai, alguém manipula o baralho, você não sabe quem e não interessa

a peste inutilizou você, despediu você, confinou você, você fala a paredes mudas, de José a José, você diante do espelho produz sorrisos sem valor de mercado, tua inutilidade é tanta que você não descobre nada de nocivo em você. você não corre, não socorre, não concorre, não trabalha, não atrapalha, não apela, você é inútil, José. perante a pandemia todos são iguais. depois do homem capital, o homem viral. protestos contra racismo, roubalheira, barriga vazia. a pandemia é sem cor, sem idioma, sem fronteira. não segrega, não congrega, não mata indivíduos, ataca a espécie, é o preço da globalização, José, você está sem porta, sem porto, a peste mata, não ataca nem desata

O barco virou
a pressa acabou
o vírus roeu imagem terno gravata sapatos
_prestígio emprego
o vírus faz você pensar, você que nunca pensou,
_que não tinha tempo pra pensar.
a música de fundo consumia pensamentos, versos,
_conversas
a seca bebeu a água, usinas pararam,
você ficou sem eletricidade sem imagem e sem som
o vírus avança invisível e firme
devasta economias
não grite por socorro, josé, todos lutam para não
_morrer.

a festa acabou?

se você cantasse
se você dançasse uma valsa vienense
você delira, josé
aves veladas velozes
patins deslizantes em névoas
em nuvens sem fundo sem fenda
neutritos, detritos de outros mundos, atritos ossos destroços
versos reversos universos
giros de sois em torno de sois
choques de galáxias chocam buracos negros
asas rondam névoas, ninhos de outros universos
bailam solas chinelos farrapos sucata foguetes jatos espermáticos, voam
aves, óvulos, ovos, senhas, sonhos, círculos dantescos, gigantescos, sem
data, sem dados, doados
pensar pelo prazer de pensar, pensar sem pressa, pensar nos outros, pensar com
outros, pensar para outros
degustar o sabor de saber, poetar pelo prazer de poetar, narrar em lugar de
morrer, depois da peste, a festa: festa fática, faustosa, enfática, fáustica.
você delira líras e lírios, josé: poemas romances filmes óperas
danças o coração da amada;
amar: inventar construir

a lira floresce no campo que você delira, josé

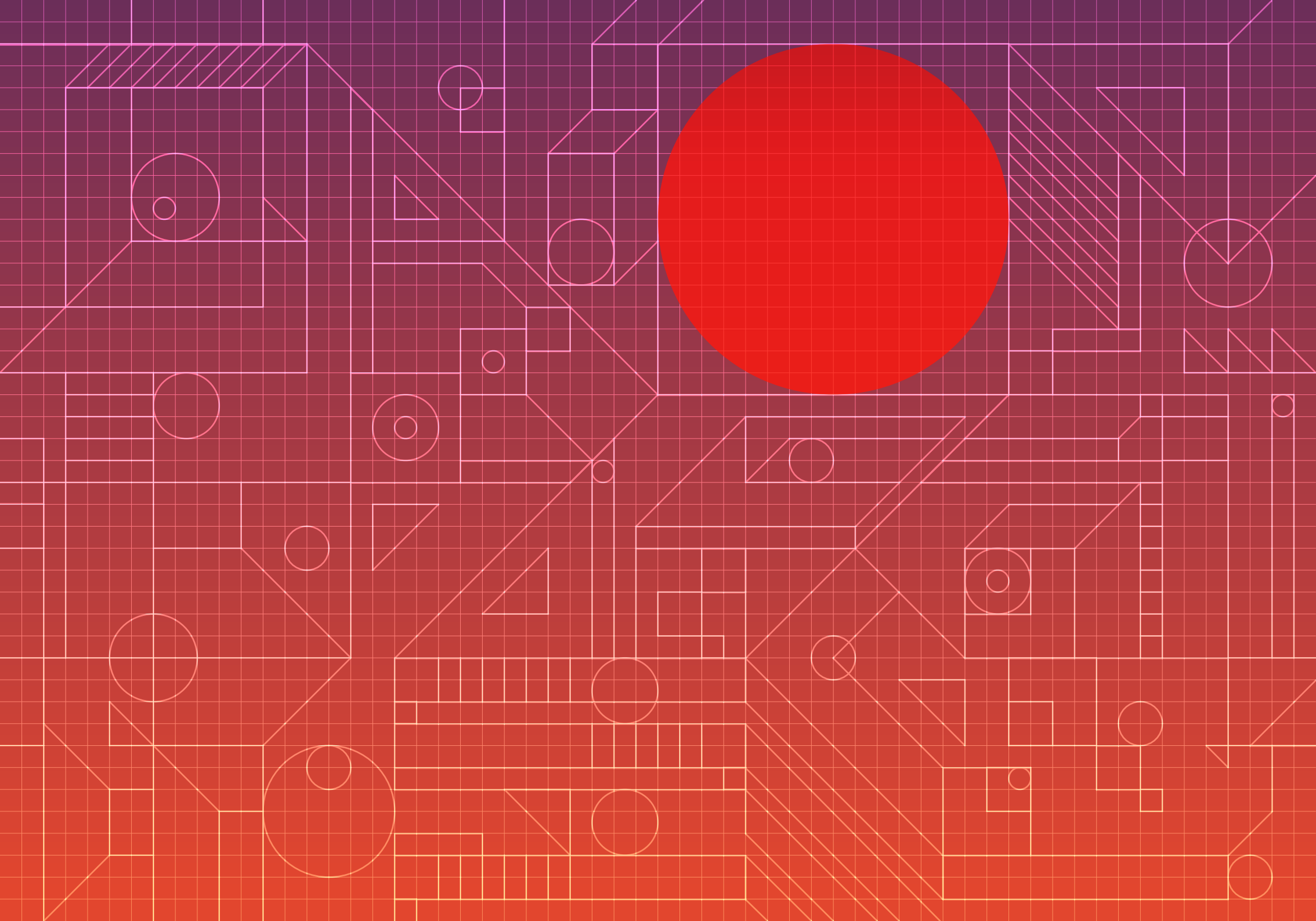
Como é?
um cravo na bochecha enxameada e só
e já é
a garra que achata o dedo
acrobátolo
para que desengordure a queixa
no cordame
essa roldana grisenta grisada
o furo e é só
e já é
tudo num luto touro
os quatrocentões também no seu
a madrugada toda no recolho das velas
 _cheias do humo
das dentaduras
dos andaimes também
o que importa é isso: velandaimes
 _desembocabravas
as mãos de rubro nunca
 _choramindo pela cabra do
 _tamanho de uma vaca pequena

(havia três cabras – quatro de um tamanho
 _normal)
e correntões buziadas empurrando para a terra
 _suas tetas
porém sem assombro de qualquer leite
que calou pelo gosto do úmido

É
um jardim onde se armavam
e um coro de dalias
o que temeu as carregou sobre seus escombros
feito raiz d' água a sentinela o óleo de palma
o risco de se refugiar nos fundos
nos hibiscos roxos
com a ajuda da chuva

Serão sempre antes que se levantem
a queimadura que raspa
a garganta por onde escorre
com a ajuda da chuva
o já era

protege esconde coça sufoca petit poa, NY, Beatles amarrada grifada com-
 elástico-apertada difícil respirar branca contaminada lavável não-compartilhável
 humana descartável obrigatória aeroporto-interdito reprise rua-vazia-a-menos-que-mora-
 na-rua rodízio-de-gente fiscaliza&multa rasgada rechaçada protesta julga
 criança-não-quer-pôr-grita sem escola, sem bar, sem festa, sem museu saúde
 morte-em-eixos cultura-sem-velório comunicação-facial-com-olhar



[1]

o rio depois da chuva
carrega barcos de velas brancas
de volta para a terra

uma garça observa
a distância do esgoto
e o pôr do sol

sumido entre as brumas
meu tédio se consome nas palavras

[2]

na taça lúgubre
da noite insone
bebo os rumores
da natureza

[3]

meu bem
preciso te contar
eu vi imagens do mar
invadindo as ruas
na melhor cidade
da américa do sul
e não era tsunami
não era tempestade
era a nossa ausência
que ele celebrava
com divina vontade

Fica,
só mais um pouco.
É cedo e o pé de fogo
que plantámos no chuveiro
não tem rama, porte, ou cheiro
que não se possa extinguir.
Ainda tudo o que arde cura
E a nota mais franca dura
o que sabemos ouvir.

Fica.
Ninguém conhece,
nem nós,
a forma da prece
que os nossos lábios diriam
frente à bruta realidade
que desfigura e invade
o recanto mais trigueiro.
Quem diria?

Fica, to digo eu.
Abre o livro, lê com fome,
descose a curiosidade.
Meu corpo ainda não tem nome
na língua do teu silêncio.
Povo a espaço com os medos
preferências e segredos
que serão a nossa pele.
E come.

Fica...
Repara nisto:
a porta é feita de couro
com lâminas de concreto,
dobradiças de rochedo,
fechadura junto ao teto.
A chave é de maçapão
e as nossas mãos de formiga.
É muito antiga.

Fica, do mesmo lado
que o rosto desmascarado
companheiro do teu vento
e solta a vela.
Seremos nossa cautela
no sorteio do futuro,
oceano entre paredes,
litoral de espuma e redes,
virtual
esconjuro.

porto alegre só tem
um clima bom, abril

é quando o frio vem
sobre um ardor arredio

ninguém tosta ao sol
encharcado de brasil

nem treme em caracol
ventos de beira-rio

porto alegre só tem
um clima bom, abril

tô pra dizer, tri local
melhor lugar não se viu

no mais ruim, sem igual
de foder gente e bugio

aqui no almoço é comum
meio paracetamol

afudê é mesmo abril
o mês bom, o maioral

vivemos no calendário
a esperar o final

do longo março abafado
xepa de carnaval

pra morar bem, afinal
por trinta dias a fio

morar no céu, tu sentiu
é porto alegre em abril

(em tempos de pandemia
dias de coronavírus)

quem vai nos trazer de volta
a porto alegre de abril)

antes do mergulho
presentir o rumor
cegar a noite
afagar superfície

antes do mergulho
suspender o gesto
prender o mar
guardar o mijo

antes do mergulho
espiar o gozo
lacerar a calma
impregnar a ostra

antes do mergulho
desfazer-se

vou deixar aqui pra vocês
a perda de alguma coisa grande
serena velocidade pra ser
solitário nesse estado
civil contagioso
no hall do hotel 3 estrelas
2 pessoas contém a ira
descubro que não estou sozinho
que somos todos órfãos
eu não falo mais com ninguém
difícil mesmo é acordar
faz de conta sem parar
dentro do país de espelhos
run baby run como um coelho
rima rica de aluguel
mrs. moonlight no chão do céu
hahaha quem dera
não fui feito pra isso
eu escrevo
mas não entendo notas de rodapé
estava falando daquele livro
que não tem em português
nele estava dito coisa parecida
que é possível amar pelo contrário
viver com febre nas mãos
se há um poema que faça sentido
no meio de um livro todo de vômito
já valeu a pena ser alfabetizado

**ESCREVEREMOS
POEMAS BONS
E RUINS NA
PANDEMIA**

Todos escreveremos poemas de assombro diante da epidemia,
e nem todos serão poemas para entrar em antologias,
alguns serão até bem ruins, mas terão em si uma vírgula ao
_menos contra o vírus
que nos desumaniza.
Em todos os poemas escritos nesses dias de inquieta solidão
_e morte
brilhará um sentido de humanidade que a todos justifica.
As palavras dos poemas farão uma nuvem na noosfera não
_para tapar o sol,
mas para fazer chover um rio de possível entendimento
_e verdade.
Não lamentemos os vivos e os mortos, pois eles crescerão
_de seus corpos e almas
como os brotos dos bosques que crescem da árvore tombada
_pelo raio;
não lamentemos os vivos e os mortos enquanto estatísticas
_que se perdem no frio número,
pois eles se multiplicarão como seres separados do mundo em
_sua memória;
não lamentemos os vivos e os mortos por estarem à margem
_da nova vida
e que não alcançarão o paraíso por palavras, teses ou poemas;
não lamentemos os vivos e os mortos que estarão sentados à
_direita e à esquerda de um deus embuçado;
não lamentemos a nós mesmos enquanto observadores da
_natureza que nos golpeia,
não, não nos lamentemos.
Nossos poemas bons ou maus não impedirão que a epidemia

_invada nossas fronteiras
e homens e mulheres bons e maus caíam de um lado e de outro
_da batalha,
mas nossos poemas serão como o bálsamo na trincheira,
nossos poemas serão como a esperança derradeira,
nossos poemas serão como a luz do sol que nos ilumina.

Não lamentemos os vivos que não se preocuparam com
_os mortos,
e que agora estão mais enterrados do que os que
_os precederam.

Não lamentemos os mortos que foram heróis em vida
_e o serão na morte.

Depois que a guerra acabar um soldado, um médico,
_uma enfermeira,
lerá um desses poemas ainda sujo de terra e sangue e verá que
_valeu a pena a luta,
e que a Humanidade ainda restou inteira.

Quando o Grande Rei caiu
As formigas de Pasárgada
Continuaram sua labuta.

Sobe casca, desce casca,
Pela mataria escura,
Sobe muro, desce muro,
Pelos pátios, pelas ruas,
Sobe tronco, desce galho,
Seu trabalho nunca muda.

Pois toda folha no mundo
Tem um destino traçado:
Ser carregada, nas costas,
Para um lado, ou outro lado,
Pela aplicada formiga,
Impermeável ao Fado.

Quando o Grande Rei jazia
Em sua tenda, agonizando,
A fileira prosseguia,
Trabalhando, trabalhando,
E o Grande Rei dizia:
"Vasto Universo, até quando
Esconderás teus desígnios
Do entendimento humano?"

E sobre sua pele fria,
Uma formiga corria,
Labutando, labutando.

E nos campos, nas colinas,
Os corpos estraçalhados
Jaziam ao sol da Pérsia,
Dispersos, amontoados,
E nos paços fumegavam
Os rotos touros alados,
E Persépolis ardia
Sob os céus avermelhados.

E as formigas? As formigas
Iam no rumo traçado;
Há tanta folha no mundo,
tanto pedaço de galho;
Há tanto caminho oculto
No tugúrio ou no palácio,
Tanta jornada marcada
Pelo morro e pelo mato.

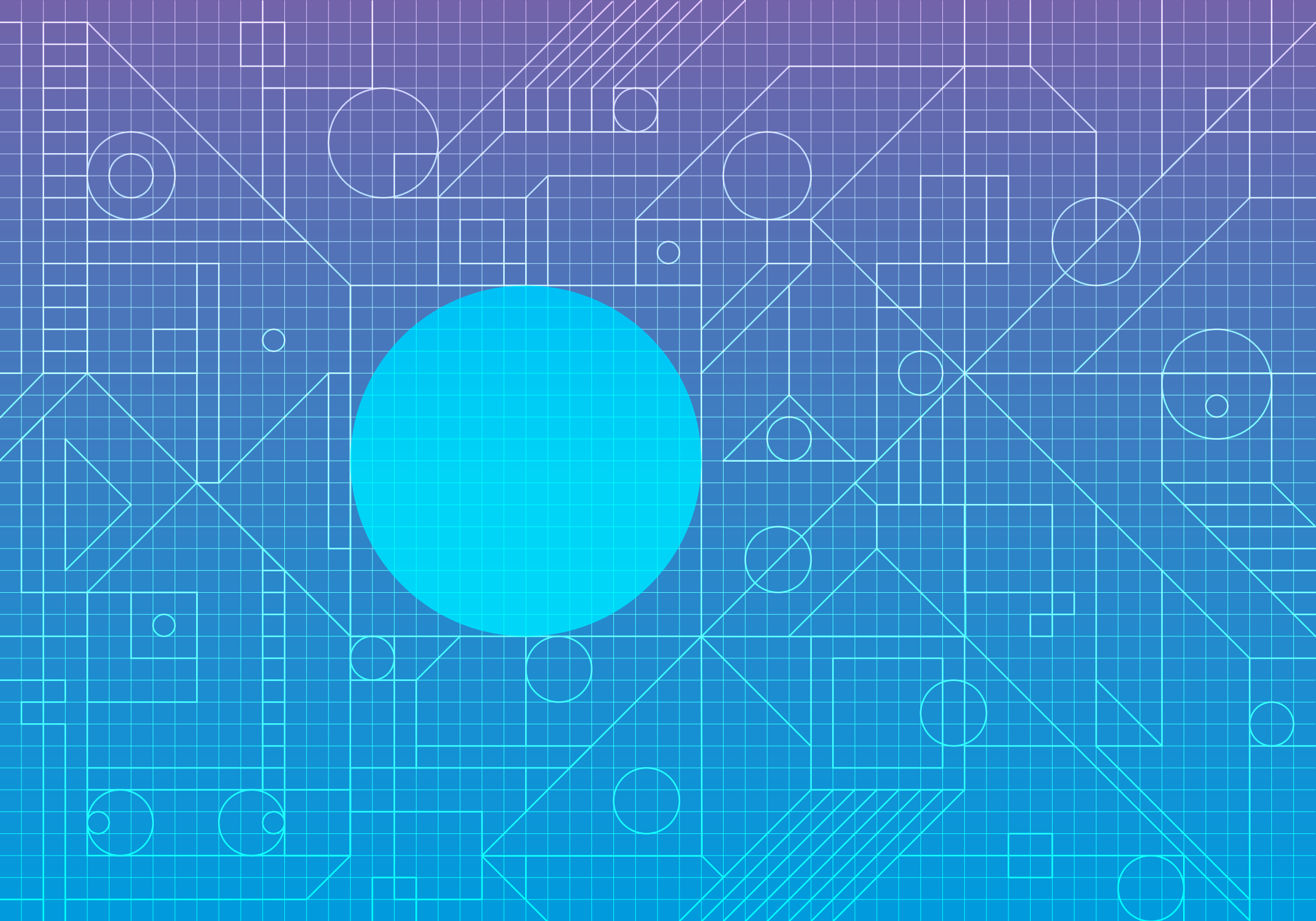
Oh meus irmãos, eu vos digo,
Contemplai as nossas ruas,
Contemplai nossas cidades,
Desabitadas e nuas,
Contemplai essa ruínas
Que são minhas, que são suas.

De Pasárgada as formigas
Não deixaram de lidar,
Há outro império caindo,
Outro mundo a se rasgar,
Mas disso elas nada sabem,
Nada as pode desviar:
Hoje mesmo as vi, eternas,
Deixando o mundo passar:

Com aquela folha ao lombo,
A formiga ia descendo,
Pelo tronco, qualquer tronco,
Sua trilha além do Tempo;
No tronco encostei o rosto,
No tronco, por um momento,
Fui o Grande Rei Dario
Na tenda desfalecendo –

E pelo meu corpo frio,
Sob o esplêndido vazio,
A mesma sombra, correndo.

o retorno – esse bicho que morde o rabo – me mastiga e não engole e mantém meu corpo dentro de uma bolha de saliva e suor e porra e lágrima e outros líquidos que não posso conter porque a vida tem sido trágica ou porque a vida tem sido lógica ou talvez porque esperar o fim de volta pudesse me mostrar o ruído de um bicho sem fome ou a preguiça de um bicho sem sono e ainda assim pudesse observar um mesmo ponto como se fosse um mesmo lugar e esse lugar fosse uma passagem pra uma paisagem não pensada, mas o bicho pensa (não se enganem) e o bicho olha ao redor e segura minhas pernas aqui embaixo onde nunca havia estado onde nunca houve socorro onde não há pátria onde não há gente e o bicho deixa seus dentes marcados na pele e não dói mais que já dói porque dói faz tanto tempo que quase nem sinto diferença e o bicho fala (não se espantem) embora eu não escute nem duvide que o caminho seja o mesmo aquele traçado em mapas antigos pintados à mão por alguém sem dedos, de mau gosto e debochado. quando o bicho acorda é o rabo quem manda: nem sempre a volta traz o retorno consigo





Miro-te, na noite fria,
Rompendo o pampa do agora!
E, cá comigo, pergunto:
Virá uma nova aurora?

Nessa tua intensa luz,
Que vem de longínquo tempo,
Entre rajadas de vento,
Sou tua! Então, me conduz!

Acolherada contigo,
No mais precioso silêncio,
Vou por matas e coxilhas,
Serpenteando rio-a-dentro!

Na busca de uma história
Que quero bem aclarada,
Sem ufanismos de glória,
Nessa fria madrugada.

Que lembre a rebeldia
Dos Guaranis em guerrilha,
Aos massacres sem tamanho,
Dos poderosos de antanho.

Para que nesse tempo triste,
De algozes com o dedo em riste,
Se possa, Lua tão linda,
Dizer à paz és bem vinda!

preguiçosos, nada
precisavam era dessa pandemia
precisavam era se livrar de nós
pra depois de dez anos de apatia
a gente enjaulada, os pandas, enfim sós
sem deus, paraíso, lógico então
dialogar sem freio, eva e adão

Giro o pescoço
E não enxergo
A cor
Espelhada
Negrume
Negritude
D'alma
Pescoço
Conexão
Mente e corpo
Respiração trancada
Asfixiada
Nos espaços limitados
Da existência
Privada
Ou privilegiada
Na cor refletida
Do andar seguro
Na luz
Ou no escuro
Olho para o lado

Sorriso desconhecido
Olhar afetado
Pelo distinto
Destino
Na solidão da noite
Pescoço quebrado
Trajetórias rompidas
Desmaio
Perco a consciência
Oxum me envolve
Nas águas profundas
E sagradas
Berço da Vida
Renasço
Cabeça e corpo
Coluna ereta
Meu pescoço
Não mais se quebra
Agora...
Aponta
E se eleva.

Sob nossos pés o ocre mel da abelha pisada
Em tuas sobranceiras enxergo as minhas e as tuas dúvidas

Já levitam as maçãs pecaminosas?

Estilhaços de esperança habitam teus olhos
Dizem que a sombra aprende a dançar ao vento

O amor pode agarrar tudo que resta?

Em meus braços nosso filho deu o primeiro sorriso
Emanhado em teu corpo decido não olhar pela janela

Sonhar é como caminhar de costas

Dia 16 de março de 2019.
Às 15h30min,
vivia os momentos finais
antes da sedação
da Grande Cirurgia.
Tiraram da minha perna
três artérias, uma coronária.
Desde o começo,
o Senhor Jesus
estava comigo
o alto do peito
para uma vida nova
na ternura longa da esperança
que sempre me veio
das mãos de uma criança.
Minhas últimas palavras
às pessoas que circulavam.
Não tinha medo de nada,
São Miguel Arcanjo
estava comigo
e escrevia comigo
minha eternidade.
Penso no dia em que nasci
e nos braços de minha avó:
Francisca Goulart de Miranda.
Ela me criou e não me
batia ou atrapalhava minha mãe,
me preparou à Vida eterna da Poesia.
E veio morrer nos meus braços

no colo de um menino nos tempos
_de Uruguaiana.
Isto foi dia 8 de abril de 1958
dois dias depois do meu aniversário
_de 13 anos,
quando eu só sonhava
com um verso nas páginas poéticas
_do país.
Então, Ela me falou: "Negrinho, meu
_neto querido,
o mundo vai te louvar para minha
_saudade
como a maior obra poética
de todo o planeta, com quatro mil,
_seiscentos
e oitenta páginas". Neruda está
_em segundo
com 2.080 páginas.
A solidão será teu porvir eterno
à luz do Menino Jesus.
Nunca senti dor. Dormia com as
mãos atadas para não mexer
_na cirurgia.
Andei na morte
minha lei operária, a luta da minha vida
no lema da liberdade, a eterna
luta e sua verdade.

Quando a medida do tempo se perdeu
_ninguém mais coube nos dias.

Naquele último ano da graça de 2020
os peixes saíram dos mares, aves
_calaram, florestas murcharam
e a infecção se espalhou.

À deriva, decidimos não morrer.
O sol ainda iluminava os condenados
quando enterramos Denise e achamos
_um lugar.

Feridos, nos escondemos e fechamos
_as portas.
pintamos o teto e as unhas de vermelho,
_trançamos o cabelo,
ajeitamos nossos bichos e esperamos.

Antes do primeiro inverno, o fogo saiu
_dos galhos verdes e últimos
_livros
e espalhou cheiro de amor a céu aberto.
Sonhamos e aquecemos nossos bichos

Poderia ser um dia de primavera,
_quando o grito chegou.
Saímos, mas corremos da escuridão
_densa e implacável
assustando nossos bichos.

Talvez, fosse algum ano do verão,
_quando a luz inesperada
_apareceu.

Corremos ávidos, mas ela nos cegou
Amedrontados, seguimos nossos
_bichos.

Seria outono, quando sobrevivemos
_e encontramos os outros
Ofereceram terra, abrigo e nenhuma
_esperança.
Poderíamos, mesmo assim, alimentar
_nossos bichos e seguir.

Depois, pisamos em desertos até voltar
_a ver a lua e as águas.
Amedrontados, guardamos nossos
_bichos
fizemos o plantio e choramos.

Ontem ou amanhã, o tempo das chuvas
_chegaria.
Tempo de domar nossos bichos e fazer
_outros filhos.
Tempo de desobedecer e tecer.

Lá foi o Floyd
aqui os meninos João Pedro, Miguel
e tantos outros adultos. Negros.

lá fora matam aos homens negros
aqui dentro matam
às mulheres
de todas as classes e cores

o feminicídio tem aumentado
h o r r o r e s
HORROR, sim!
eu senti quando
pela janela ouvi
uma vizinha pedindo
s o c o r r o
m e a j u d e m

eu só a ouvia, mas não a via
vi um casal saindo
desde a varanda ele gritava:
solta ela!!

eu não tinha como ver
casas e árvores no meio
tremendo

chamei o 100
quando por fim atendeu
não é aqui
respondeu uma voz
quando eu agoniada pedia por ajuda
mas vocês não tomam denúncias?
Sim. Mas não imediatas.

Desliguei
não havia tempo
mais uma mulher
anônima
perigava ser assassinada

marquei 190
tuuuuu tuuuuu tuuuuu tuuuuu tuuuuu

o casal entrou
os gritos desesperados pararam

o que aconteceu???
não fiquei sabendo
de nada

desliguei

quando uma voz diria oi

eu diria o quê?
uma mulher está pedindo
s o c o r r o
endereço?
não sei
telefone?
não sei
nome?
não sei

mas eu sei que aconteceu
mesmo sem ver
eu o u v i
uma mulher gritar
 berrar
 uivar
e eu não pude fazer nada
n a d a
 n a d a
 n a d a

dias depois vieram os homens
da moto serra
e mataram a árvore
decapitaram ela
chorei

chorei com mais essa morte gritante

aos homens negros os mata a polícia
às mulheres as matam os homens

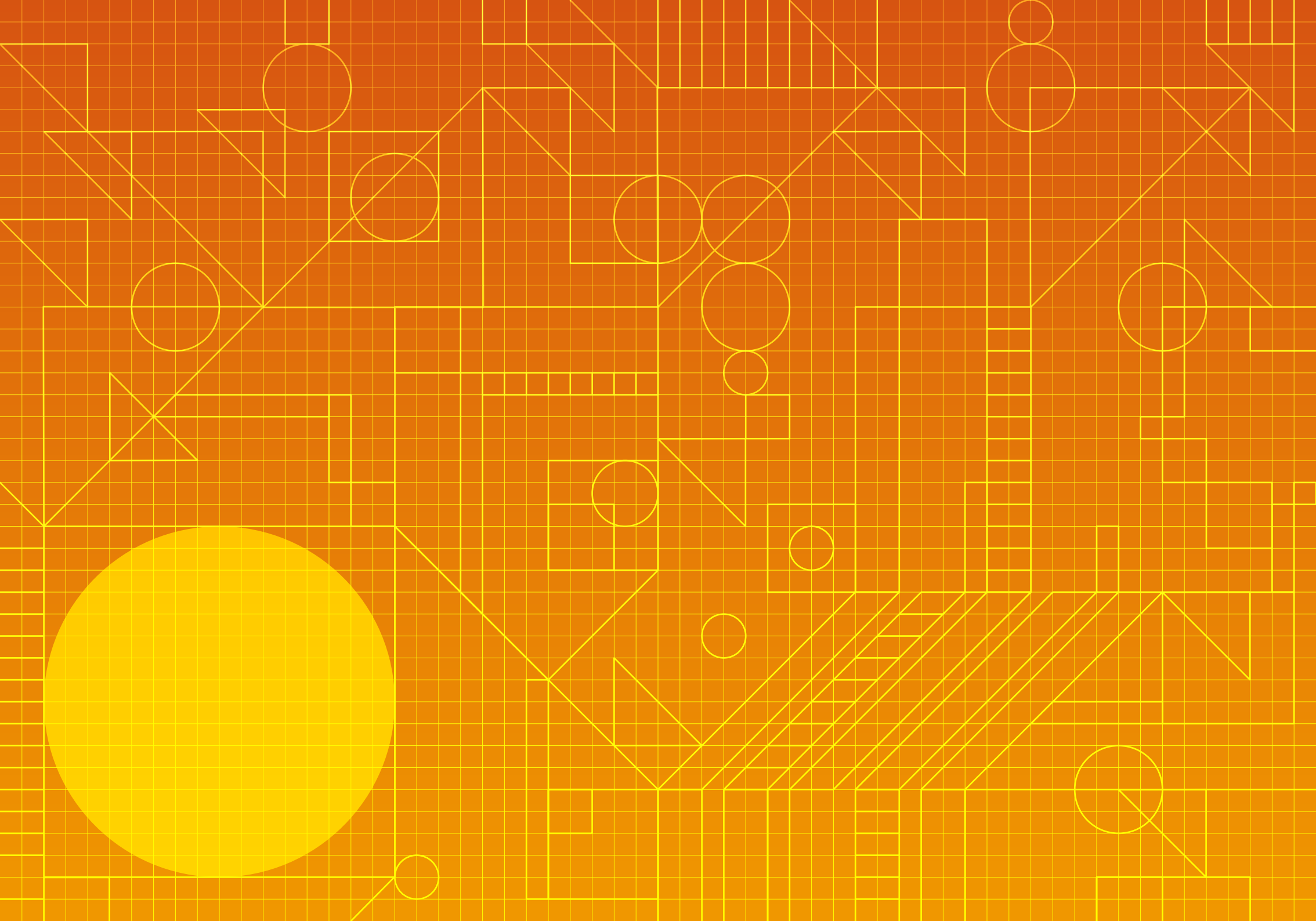
os homens negros morrem fora
as mulheres e as árvores morrem dentro
e eu GRITO
de dentro pra fora

alguém escutará
(ou)virá em ajuda?
em consciência?

não é por mim
é por nós

o covid mata vidas
a polícia mata vidas
os homens matam vidas
o presidente mata vidas

está difícil de respirAR
CUIDADO!
e s t a m o s e m c h a m a s



Tudo vai ficar bem
Você acredita em mim?

Um profeta é um profeta em qualquer lugar
No barraco de madeira ou dentro do avião
Na live do insta ou no escuro quando falta luz

Meu verso é mais que um verso
Na verdade é uma benção
Falo de amor no meio da guerra
Passado e futuro na mesma intensidade
Dona Terezinha disse que tem orgulho de mim
Isso me fez chorar
Minha sobrinha me chamou de professor
Isso me fez chorar
Se eu disser que o futuro é bonito pros pretos
Você acredita em mim?


Em 2015 a primeira vez que disse
Eu te amo mãe
Pego a joia da Alma e trago minha mãe de volta
Somos uma caixinha de lembranças no fim
Meus irmãos me veem como referência
Só quero ser uma boa pessoa no fim
Você acredita em mim?

Anos atrás a epidemia era ter o roxinho
_do Nubank
Hoje o desespero é receber 600
_e não morrer

Quanto realmente vale uma moeda?
Todo rosto que vejo está no fundo do poço
Se eu disser que tudo vai ficar bem
Você acredita em mim?

Sinto o vento no rosto
Mas não tem ar pra respirar
Sinto cães de caça nos calcanhares
A depressão tem um canil enorme
Sinto cães de caça nos calcanhares
Racista tá latindo mordendo matando noiz
_a todo instante

Tento cultivar coisas boas dentro do peito
O sentimento mais bonito que meus olhos
_puderam ver
A vó dizendo depois da tempestade
Sempre tem um dia bonito de sol



Como a fécula da mandioca cai da peneira
e procura um par, logo forma um trio
e então um mundo, tapioca ou beiju –
em nada se parece com certos problemas.
Eu os decomponho e trato, espalho em partes,
não poupo o fogo, mas não se entendem.
Não fazem todo. Ficam ardendo, soltos,
durante anos, na frigideira quente.

Nessas linhas deixo lágrimas
que trancadas na goela
fizeram de mim
refém da sombra

É tiro é grito
corre e fica vivo
 não chora
 não grita
 não explode
te dão sacode

Balançada as estruturas
frio no estômago
ao ver a viatura
 ditaduras
 ditam o fim da vida
no fim da rua
chão trocação
menor de fuzil na mão

Sangue e não é de menstruação
sem câmeras
a ação é pra valer
não existe fingir de atirar
ou fingir de morrer

Umbral exposto a lua eclipse de sangue
pessoas doentes
mentes precisando ser salvas
e não será com palmas ou likes

Fico enjoada
a ânsia que sinto
misto de dor medo e revolta
não minto!
essa impotência dilacera, gela
mas não me devora.



O horizonte desencontrado
se aproxima e recua ao mesmo tempo.
Cada lugar, cada palavra é um ermo,
um fim de mundo conectado.

Chama outras para aquecê-la
(palavras também vivem de calor),
para entender, chegar ao termo
do interminável que não se revela.

E o que esse calor quer dizer?
Necessidade física de amor?
Anseio, alma, seiva que ergue o ramo
de um pinheiro que vai morrer?

enfileirar o rubro
como trincheira no centro
de minha casa.
Uma bacia e duas
cestas de plástico, tampos de garrafa
meu manto colorado
velas a Ogum, tomates
morangos, batons, o inferno
A sétima efervescência
Uma bandeira, meu sangue
a linfa
dos que perdemos &
uma vez cortejado o touro
voltar-se de novo
a quarentena.



dizer como bob dylan
ainda não escureceu
mas logo vai

alguma coisa com a irretocável
simplicidade da morte

tardes esperando
noites sempre súbitas
apenas na canção
o tempo se conforma

ou na gota da torneira
que o frio faz pingar
capaz de reter em si
um raio de sol
antes da queda

Em certo ponto do caminho,
ela estava à minha espera.
Sabotou a própria queda,
arredondando o silêncio da manhã.

Pouco antes de minha aparição,
decerto resvalara pelo dorso vegetal, mansa,
imitando, por fora, o correr da seiva íntima,
imaginando-se também senhora da vida.

Vinha decidida ao movimento,
submissa ao sulco verde e longilíneo
que conduzia ao vértice,
ao limite inescapável do abismo.

Respondia a tanta iminência com langor;
fantasiava-se de estrela cadente,
espargindo a luz em cores e, num arco,
acariciando a sonolência da folha.

Não quis despertá-la, contudo;

e a própria gota adormeceu,
imobilizou toda liquidez perante meus olhos,
desfez-se do tempo como quem despe uma mortalha.

E assim eu a vi: suspensa,
emudecida no susto de não ser mais gota.

O que fazem as gotas senão alongar-se,
distender os elos d'água dentro de si
e abandonar a casca, a esfera efêmera,
a crisálida perfeita de cristal e simetria?

O que fazem para serem o que são?
Nada mais lhes cabe – apenas a forma predestinada,
com algo de pêndulo e de cometa.
Mas a gota diante de mim não mais podia ser.

Muda, congelada,
feito planeta distante,
prisioneira do casulo,
pedia socorro.

Condenada à infância,
morreria assim, inteira,
igual a si mesma em toda parte,
no centro de um mundo estagnado.

E era verdade: tudo ao redor cessara,
como se o destino da gota fosse o prumo
_dos mistérios.

O universo se perdera naquele segundo,
o esquálido segundo antes e depois de mim.

Para ela, a cronologia era esta:
antes e depois de lhe cravarem os olhos –
e com esses olhos roubarem sua alma,
a que lhe fazia obediente, mutável.

A história natural da gota cabia num instante.
O suplício de indecisão à beira da folha
valia por mil reinados, inumeráveis batalhas,
cem dinastias de hierofantes e fariseus.

Ali estava: a gota e seu grito inaudível,
diante de mim, em plena manhã.

Eu estava pronto para morrer com ela,
morrer de eternidade e perfeição,
quando um anjo qualquer brandiu a espada
e desatou o nó das horas.

Correu a lâmina – tão fina quanto os milagres –
entre a pérola inerte e a pele de esmeralda.
E tudo voltou: nuvens passaram, asas se abriram,
flores e musgos ondularam enfim.

O mundo era.
E então, a gota caiu.

A cantora de ópera... A buganvília... O terror...
Porto Alegre é um buraco entre morros,
montanha-russa por onde desce e sobe
uma procissão de carros.
Alto lá! Está proibida a circulação!
O choro convulso do motorista.
Não pode ostentar sua caminhonete-mastodonte,
latifúndio móvel para apenas um passageiro.
A máscara, Ricardo, põe a máscara!
A professora ensina história na fila do banco.
Porto Alegre é um buraco sem fundo.

O motoqueiro do aplicativo passa sem direitos
_trabalhistas,
o outono baixou a temperatura para quinze graus,
estamos dando de graça o que você não quer nem
_de graça.
E o garoto cresce, e o jovem se forma, e o homem
_é um recém adulto.
As empresas aéreas oferecem passagens
_etéreas para um lugar imaginário.
E a solidão do vigário, e o emprego precário,
_nuvens, nuvens, nuvens.

Alguns decidiram arriscar a vida para ver
_o pôr-do-sol.
O panelaço... A live... O funk na calçada...
Pernalonga e Patolino discutem calorosamente.
Sigo dentro de um abrigo Adidas até o pescoço.
Enquanto um número não tiver carne e osso,
as palavras tolas seguem a sair das bocas toscas.
Estamos todos no mesmo barco: na mesma
_canoa furada.

De repente o planeta é um lugar hostil.
Perdidos no Espaço, desembarcamos,
e um inimigo invisível nos avista.
Perigo, perigo, perigo, diz a lata de sardinha.
Dr. Smith é o presidente e tenta levar todos para
_o buraco negro.
A curva no gráfico... A sacola do supermercado...
Um comprimido laranja de vitamina C
acaba de descer goela abaixo.

Todo vírus é uma cidade fantasma
 povoada de máscaras em falso
 mãe da propaganda enganosa
 programada feito febre aftosa

Cadafalso morcego gripe aviária
 matakavalo rabo de galo tifóide
 mata gente antiode ontontifódi
 atmosferas do tempo vassalo

Um espirro um kit um esparro
 _um esporro hell city
 porta USB de um país bugado
 versos de GOG num estalo
 e não mais a viola de São Gonçalo
 e não mais versos de Sabotage
 na Crackolândia sem sabonete
 _em São Paulo

toda cidade é uma ilha
 Taguatinga
 Sobradinho
 ainda mais virulenta é Brasília

Um regalo uma restinga uma cidade
 _de deus
 um adorno que tudo prestes
 cotidiano em crise e a desconfiança
 de Brecht

No Brexit
 Oriente Médio Timor Leste

megahertz quilohertz mega bytes,
 Luck strike birinaitis no Bixiga high society

No Brazil
 Cidade-espelho povoada de miragens reais
 Tirania da comunicação
 Guanabara baía e caos que entra ano e sai ano
 apodrecendo em esquema\$

Cable Modem São Sebastião
 Gatonetflix invenção domiciliano
 Peg Pag #
 Cambridge Analytics invenção robô
 _de miliciano

shopping center americana invenção
 Haiti Taiwan Paquistão
 arquivo PDF calango criptografado
 deep web fibra ótica guerra biológica
 donald ADSL cadêsktop criptomoadado

O despotismo cibernético e o homem
 _sem sombra
 Disneyland Candangolândia
 Grand Canyon Planaltina
 Graceland Ceilândia
 Neverland Braslândia
 White House Alvorada

Cartão de crédito abre-te sésamo
 64 mil repetições 2020 visa
 Canhão de débito abre-te sésamo
 64 mil repetições dois mil e vintizam

ponte para lugar algum
em balanço

sobre o abismo
tudo balança
nos dois sentidos
misteriosa superfície
sem saída

em lugar algum
em meio ao nevoeiro
do estranho mundo
da fantasia de Eguren
uma mulher vestida de branco
dá a volta na colina

(lembrando Jose Maria Eguren)



arrancamos um rim ao phabiano
foi tanto chorume
esfolamos seu couro alvinitente
como de costume
impetramos mandado de vingança
contra o seu queixume
contrariado escapou à contradança
já vai tarde, estrume
leve consigo seu estilo a risério
e baixe o volume

mais uma questão e depois nos vamos
pois que venha a lume
há phabianos pretos nessa arena?
nunca foram imunes
nem quando performam falas solenes?
isso que os resume

I.

R. disse que nos traria comida, mas seu barco partiu em direção às Ilhas.

há uma luminosidade terrível no mar por estes dias.

até o mármore dos castelos queima.

eles tomaram a cidade e nós somos os últimos.

há semanas resistimos, e agora estamos sós.

R. não encontrará ajuda.

as próprias Ilhas estão sob ataque.

A. protegerá primeiro os seus nobres.

o Continente já está perdido.

quando nos encontrarem, seremos executados.

mesmo suja e faminta, você continua linda.

as Ilhas preferiram sacrificar-nos em genocídio para se salvarem.

uma equação justa pelos corredores de mármore de A.

um poderoso império cai por terra.

não é a primeira vez; não será a última.

a História tende a repetir-se.

II.

aqui dentro, você é feita de fractais.
sinestésicos no nada;
no tecido do agora,
que se distende e se dilata,
macio,
flexível.

eu lhe abocanho inteiriça,
cintilâncias de absurdo.

você se enche como uma lua cheia,
translúcida e bioluminescente.

máquinas mágicas de realidade
_parecem brotar das paredes.
uma paisagem de falésias se desdobra
_em sua direção.

você tem olhos de infinito.

soldados estão a bater na porta.

III.

R. também ama.

ele nos protegeu, mas partiu pela
_última vez, sozinho.

uma dor intangível lhe acometerá com a
_queda de A.

nós cairemos lado a lado.
levaremos muitos deles conosco.

eles não têm culpa.
bons soldados cumprem ordens.

eles venceram, mas o batalhão chega
_exausto à cidade.

pegamos o último barco cobertos
_de sangue.

as Ilhas queimam.

partimos para o Sul.

AUTOPRESAS AUTORA'S



ALEXANDRA LOPES DA CUNHA (Brasília, D.F., 1970) é Doutora em Letras: Escrita Criativa, pela PUC-RS. Publicou Amor e outros desastres (contos) em 2013, Vermelho Goiaba (2014), Prêmio IEL 60 anos na categoria Narrativa Curta, autor estreante, Bífida e outros poemas (2016) e Demorei a gostar da Elis, 2017, finalista do Prêmio SESC em 2016 e finalista do Prêmio Açorianos na categoria narrativa longa em 2017.

ALEXANDRE BRITO (Porto Alegre, RS, 1959) é escritor, músico, poeta e compositor. Escreve e compõe pra gente pequena, média e grande. Entre Visagens, de 1986, e Muito Esquisito (Cátedra Unesco de Leitura), de 2018, publicou 9 títulos. Integra a banda Os poETs, criou a Fantástica Orquestra Mirabolante, apresentou o programa Brinkaredo (infanto-juvenil) e Ao Pé da Letra, ambos na Rádio Pirada. Está presidente da Ages – Associação Gaúcha de Escritores (biênio 2019/2020) e Conselheiro do CEC (biênio 2020/2022).

ANA SANTOS (Porto Alegre, RS, 1984) é mestra e doutoranda em Estudos de Literatura pela UFRGS. Em 2008, foi contemplada com a Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística para escrever O que faltava ao peixe (Libretos), livro de contos publicado em 2011 com edição financiada pelo Fumproarte. Em 2017, estreou na poesia com a coletânea Móbile (Patuá),

finalista do Prêmio Açorianos de Literatura 2018. Com Fabulário (Confraria do Vento, 2019), venceu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2017, na categoria Poesia.

ANDREIA LAIMER (Porto Alegre, RS, 1980) é mãe da Alice, poeta e professora de Literatura. Integrou antologias e colaborou com textos em revistas e sites literários. É coautora do livro Hai-cábulos (Editora Dulcinéia Catadora, 2012).

ÂNGELA CUARTAS VILLALOBOS (Cáli, Colômbia, 1982) é escritora e tradutora. Sua novela Ceiba, publicada na Colômbia e no Equador, recebeu menção honrosa no Premio El Barco de Vapor - Biblioteca Luis Ángel Arango, em 2015, e foi selecionada como um dos livros altamente recomendados pela IBBY-Colômbia, em 2019. Tem contos publicados em antologias na Colômbia e no Brasil. É mestre e doutoranda em Escrita Criativa, na PUCRS, onde pesquisa leitura, escrita e tradução de poesia de testemunho.

ARMINDO TREVISAN (Santa Maria, RS, 1933) é doutor em filosofia pela Universidade de Fribourg, na Suíça. Foi professor de História da Arte e Estética na Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 1973 a 1986. Pela sua obra, que reúne cerca de trinta livros, entre poesia, ensaios e traduções, foi agraciado com inúmeras homenagens, como o Prêmio Nacional de Poesia Gonçalves Dias, em 1964, por A

surpresa de ser, o Prêmio Nacional de Brasília, em 1972, por O abajur de Píndaro, o Prêmio APLUB de Literatura, em 1997, por A dança do fogo, além de ter sido patrono da 47ª Edição da Feira do Livro de Porto Alegre, em 2001.

CAMILO MATTAR RAABE (Porto Alegre, RS, 1988) é poeta, pesquisador e professor, doutor em Letras pela PUCRS. Além de trabalhos publicados em revistas e livros, fixou o texto de Proscritos (Siglaviva, 2014), romance inédito de Dyonelio Machado, e colaborou na edição comemorativa de Um pobre homem (Siglaviva, 2017), do mesmo autor, na qual também assina o posfácio. É autor de Ensaios de Transcendência (edição do autor, 2012), livro de poemas projetado e ilustrado por Cassio Raabe.

CELSO GUTFREIND (Porto Alegre, RS, 1963) publicou em torno de 40 livros, entre poemas, histórias infanto-juvenis e ensaios de psicanálise.

CÉSAR PEREIRA (Taquari, RS, 1934) é membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Editou vários livros de poesia entre eles Dardos de ajuste (1974), Porta de emergência (1989), ambos premiados pelo Instituto Estadual do Livro. Recebeu vários primeiros lugares em poesia: o Prêmio Petrobras (1986), por duas vezes o prêmio Lila Ripoll e o da Faculdade Porto-Alegrense de Letras. Está incluído nos livros As bases da literatura rio-grandense, do

escritor Francisco Bernardi, Para fazer a diferença, do crítico Luís Augusto Fischer, A poesia no Rio Grande do Sul, do professor Donaldo Schüller e Quem é quem nas letras rio-grandenses”, do contista Sérgio Faraco. O poema “Território da palavra” integra a obra Palavra e Fruição, a sair:

CHRISTINE GRYSCHKEK (São Paulo, SP, 1989) é psicóloga e escritora. Publicou, em 2019, recomece, agora sem cigarro (Ed. Urutau). Produz conteúdo literário e visual (@externopessoal / instagram).

DENISE FREITAS (Rio Grande, RS, 1980) é escritora e professora. Autora dos livros Percurso onde não há (Artes & Ecos e Editora Bestiário, 2017), Veio (Butecanis Editora Cabocla, 2014), Mares inversos (Casa Aberta Editora, 2010) e Misturando memórias (Editora Maria do Cais, 2007). Possui publicações em coletâneas e revistas de poesia e crítica literária como Sibila, Germina Literatura, Musa Rara, Modo de Usar, InComunidade, entre outras. Escreve o blog www.sisifosemperdas.blogspot.com.

DIEGO GRANDO (Porto Alegre, RS, 1981) é autor de quatro livros de poemas: Desencantado carrossel (2008), 25 Rua do Templo / Palavra Paris (2010), Sétima do singular (2012) e Spoilers (2017), que recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura 2018 – Poesia. É professor

de literatura na PUCRS e integrante do time fixo do Sarau Elétrico.

DIEGO PETRARCA (Porto Alegre, RS, 1980) é mestre em Teoria Literária – Escrita Criativa pela PUCRS. Publicou sete livros de poesia, entre eles Tudo Figura (2014, selecionado pelo Plano de Edições do Instituto Estadual do Livro e indicado ao prêmio AGES – Poesia 2015) e Carnaval Subjetivo (Bestiário, 2018). Integrou 18 antologias. É professor de literatura e redação, ministra oficinas literárias.

DONALDO SCHÜLER (Videira, SC, 1932) é doutor em Letras e Livre-Docente pela UFRGS. Recebeu o título de Professor Emérito da UFRGS. Foi professor titular em língua e literatura grega da mesma universidade. Foi professor do Curso de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS. Realizou estágio de pós-doutorado na USP, concluído com a publicação do trabalho Eros: dialética e retórica. Ministrou cursos em nível de graduação e de pós-graduação no Brasil e no exterior (Estados Unidos, Canadá, Uruguai, Chile, Argentina). Atua como conferencista e professor em várias instituições e universidades. Escreveu ensaios, entre eles: Teoria do romance, Narciso Errante, Eros: dialética e retórica, Na conquista do Brasil, Heráclito e seu (dis)curso, Origens do discurso democrático, Afrontar Fronteiras, Abismados em amor, Joyce era Louco? Literatura grega: irradiações e

romances, entre eles: A mulher afortunada, Faustino, Pedro de Malasartes e Império caboclo. Foi Patrono da Quinquagésima Feira do Livro de Porto Alegre. Traduziu o romance Finnegans Wake, de James Joyce. Traduziu tragédias gregas e a Odisséia, de Homero. É detentor dos Títulos Honoríficos de Gaúcho Honorário e de Cidadão de Porto Alegre. Recebeu a Medalha Negrinho do Partoreio, concedida pelo Governador do Estado do Rio Grande do Sul em 2002. Recebeu o Prêmio “Fato Literario”, em 2003, oferecido pela RBS e o BANRISUL. A Associação Paulista de Críticos Literários (APCA), escolheu Finnegans Wake como a melhor tradução de 2003. A Câmara Brasileira do Livro concedeu-lhe o Prêmio Jabuti em 2004 pela tradução de Finnegans Wake. Recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura na categoria de tradução em 2004 e na categoria de literatura infanto-juvenil em 2005. Recebeu o Diploma Legislativo de Mérito Social da Câmara de Vereadores do Município de Videira, SC em 2005. O Governo do Estado de Santa Catarina conferiu-lhe a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa em 2009. Detentor do Prêmio Açorianos de Literatura em 2012, Afrontar Fronteiras foi escolhido como Livro do Ano.

ELIANE MARQUES (Sant’Ana do Livramento, RS, 1970) é poeta, ensaísta e editora. Coordena a Escola de Poesia, em Porto Alegre. Publicou Relicário (Grupo Cero, 2009) e e se

alguém o pano (Escola de Poesia, 2015 – Prêmio Açorianos na categoria poema – 2016). Com outras autoras, publicou Arado de palavras (Grupo Cero, 2008) e Blasfêmeas: mulheres de palavra (Casa Verde, 2016). Traduziu O Trágico em Psicanálise, de Marcela Villavella (Ediciones Psicolibros, 2012) e Pregón de Marimorena, de Virginia Brindis de Salas, para a editora Figura de Linguagem (no prelo). Acaba de concluir a revisão de seu novo poemário O poço das Marianas.

FERNANDA BASTOS (Porto Alegre, RS, 1988) é jornalista, poeta e editora. É CEO da Figura de Linguagem, casa editorial sediada em Porto Alegre. Também atua como repórter na TVE RS. Mestra em Comunicação (PPP/COM/UFRGS), é autora de Eu vou piorar (Figura de Linguagem, 2020) e Dessa cor (Figura de Linguagem, 2018).

GISELA RODRIGUEZ (Porto Alegre, RS, 1965) é mestra e doutoranda em Escrita Criativa pela PUCRS, atriz e diretora de teatro pela Faculdade CAL de Artes Cênicas/RJ. Autora do romance Entre a neve e o deserto (Libretos Editora, 2014) e do livro de poemas e fotografias Desordem (FUMPROARTE, 2015). Trabalha com teatro e literatura, estuda teatro ritual e música. Nasceu sob o signo de peixes.

GONÇALO FERRAZ (Lisboa, Portugal, 1972) é biólogo, pesquisador e professor de biologia de populações na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Escreve poesia como forma de procrastinação e é autor dos livros de poemas Palavras com som e Compras do mês, publicados pela Editora Libretos. Sua principal ocupação literária na pandemia tem sido a publicação de áudios do Cordel do Corte Raso no seu perfil do Sound Cloud, em colaboração com Lucas Duarte e Humberto Mohr.

GUTO LEITE (Belo Horizonte, MG, 1982) é cancionista, escritor e professor. Formado em Linguística pela Unicamp, especialista, mestre e doutor em Literatura Brasileira pela UFRGS, onde leciona. Vencedor de dois prêmios Açorianos, um de literatura, outro de música. Organizador eventual de encontros sobre canção, literatura e cinema. Já ministrou mais de cento e vinte palestras em escolas públicas e feiras de livro.

JEFERSON TENÓRIO (Rio de Janeiro, RJ, 1977) é doutorando em teoria literária pela PUCRS. Estreou na literatura com o romance O beijo na parede (2013), eleito o livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores. Teve textos adaptados para o teatro e contos traduzidos para o inglês e o espanhol. É autor também de Estela sem Deus (2018). Acaba de publicar o romance O avesso da pele, pela Companhia das Letras.

JOÃO PEDRO WAPLER (Porto Alegre, RS, 1986) é poeta. Publicou os livros de poesia Translúcido

(Letra1, 2014) e Fábula do Afeto (Letra1, 2019).

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA (Porto Alegre, RS, 1951) é médico oftalmologista. Como escritor, tem publicados livros de contos, poesia, novela e infanto-juvenil; entre eles Lavra permanente (poesia, 1975), Cidade submersa (poesia, 1979), A urna guarani (poesia, 2004), Corpo do Brasil (poesia, 2011), A flor fugaz (poesia, 2011), Lições de geometria fantástica (poesia, 2016), Matemática para centauros (poesia, 2018), Parábola para centauros (poesia, 2019), O atleta recordista (contos e minicontos, 1996), A orelha do bugre (contos e minicontos, 1998), A terra sem males (contos), Os leões selvagens de Tanganica (contos e minicontos), A colecionadora de corujinhas (minicontos), Deus não protege os certinhos (minicontos, 2020), O reino de macambira (novela, 2005), A fabulosa viagem do mel de lechiguana (novela, 2008), O samba da girafa (infanto-juvenil, 1985), A caturrita cocota (infanto-juvenil, 199), Gato e sapato (infanto-juvenil, 1997). Como tradutor do espanhol e do italiano, publicou 14 livros, entre eles, sete de Pablo Neruda. Principais prêmios recebidos: Prêmio do Biênio da Colonização e Imigração, com Lavra Permanente, 1974; Prêmio I Concurso Universitário de Literatura da UFRGS, 1976; Prêmio de Conto da Revista Status, 1978; Prêmio de teatro do SNT, com a peça A Casa dos Impossíveis, 1975; Finalista do prêmio Nestlé de

Literatura, com O Atleta Recordista, 1996; Finalista do Prêmio Açorianos, com Os Leões Selvagens de Tanganica, 2003; Prêmio O Sul de melhor tradução, com livros de Pablo Neruda, 2006; Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores, com a novela O Reino de Macambira, 2006; Prêmio da Academia Internacional Mihai Eminescu da Romênia para a Obra em prosa, 2012; Prêmio Internacional de Poesia de Trieste, 2013; Prêmio de Poesia da União de Escritores da Moldávia, 2015; Prêmio de Tradução da Associação de Editores da Romênia, 2016.

JOSÉ FRANCISCO BOTELHO (Bagé, RS, 1980) é jornalista e tradutor. Publicou os livros de contos A Árvore que Falava Aramaico (Zouk, 2011) e Cavalos de Cronos (Zouk, 2018), vencedor do prêmio Açoriano em 2019. Suas premiadas traduções de autores como William Shakespeare e Geoffrey Chaucer foram publicadas pela Penguin Companhia.

JULIANA MAFFEIS (Porto Alegre, RS, 1987) é educadora popular, escritora e doutoranda em Letras, na área de Escrita Criativa (PUCRS). É autora de Solitária companhia de teatro (Patuá, 2017).

JUSSARA CONY (Cacequi, RS, 1942) é mãe, avó e bisavó. Farmacêutica e Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de

Farmácia da UFRGS. Servidora Aposentada da UFRGS. Membro da União Brasileira de Mulheres. Componente do Grupo de Poesias Viva Palavra e da Estância da Poesia Crioula. Participante do projeto 250 anos dos Sete Povos das Missões: Sepé Tiaraju e o povo Guarani presente na memória do povo, onde teve premiada sua poesia "Índia Missioneira", FUNDEF. Coordenadora da coletânea Mulheres Poetando e construindo o Centenário de Lila Ripoll, ALERGS, 2005. Autora do Prêmio Lila Ripoll de Poesias, ALERGS, 2005. Autora do livro de poesias e prosas poéticas Aprendiz, Editora Evangraf, 2009. Participante de coletâneas da AGEI – Associação Gaúcha dos Escritores Independentes RS. Integrante do projeto Todas as Mulheres: poesia e música nas ruas e palcos da vida - Jussara Cony e Duo Nossa Música (Amon Siqueira, voz e violão e Roberto Mauro, violino).

LAÍS CHAFFE (Porto Alegre, RS, 1966) publicou com dedos e lábios roxos (haicais, 2019, selo Class da editora Bestiário), Segue anexa minha sombra (poemas, 2018, Class/Bestiário, prêmios Livro do Ano de Poesia da Associação Gaúcha de Escritores e da Academia Literária do Rio Grande do Sul), Carne e trigo (poemas, 2012, Castelinho Edições), Medusa (poemas infantis, 2011, Casa Verde), Minicontos e muito menos (2009, Casa Verde), Não é difícil compreender os ETs (contos, 2002, AGE). Criou

o projeto Cidade Poema e a editora Casa Verde. Dirigiu e roteirizou o premiado documentário Canto de cicatriz e os curtas Identidade, Um minuto de silêncio; é roteirista e produtora executiva do curta Colapso. Entre 2012 e 2014, foi diretora do Instituto Estadual do Livro/RS. Está realizando um documentário de longa-metragem com a escritora Maria Valéria Rezende, e é uma das articuladoras do movimento Mulherio das Letras.

LILIAN ROCHA (Porto Alegre, RS, 1966) é analista clínica e escritora. É autora dos livros A Vida Pulsa: Poesias e Reflexões (Alternativa, 2013), Negra Soul (Alternativa, 2016) e Menina de Tranças (Taverna, 2018). É coautora de Leli da Silva - Memórias: Importância da história oral (Alternativa, 2018). Participa de diversas antologias e publicações, entre elas Sopapo Poético: Pretessência (Libretos, 2016), da qual foi coorganizadora.

LUCAS KRÜGER (Porto Alegre, RS, 1988) publicou os livros de poemas O sonho da vírgula (2015) e Homenagem à nuvem (2017). É psicanalista, membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, organizador do livro Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte (2017) e diretor das publicações Série Escrita Psicanalítica. Publicou A careca do galo (2018), voltado ao público infantil. Traduziu o livro Poemas Árticos (2018/1918), do poeta

Vicente Huidobro, e livros dos psicanalistas Sándor Ferenczi e Karl Abraham. É editor da Artes & Ecos, editora especializada na publicação de poesia e ensaios de psicanálise.

LUIZ DE MIRANDA (Uruguiana, RS, 1945) é considerado um dos maiores poetas do mundo e é autor da obra mais vasta, com 5.000 páginas. Candidato ao Prêmio Nobel de Literatura consecutivamente desde 2013, Miranda tem 43 livros publicados e tem 15 prêmios no exterior, em países como Estados Unidos da América, França, Itália, Panamá, Paraguai e Argentina. Conta com dezenas de prêmios no Brasil, entre eles “Prêmio Nacional 2001 de Poesia da Academia Brasileira de Letras”. Seu nome é verbete da Enciclopédia de Literatura Biblos, da Europa. Dentre suas publicações, as de maior destaque são: Memorial (1973); Porto Alegre – roteiro da paixão (1985); Amor de amar (1986); Livro dos meses (1992); Livro do pampa (1995); Trilogia do azul, do mar, da madrugada e da ventania (2000); Cantos de sesmaria (2003); Nunca mais seremos os mesmos (2005); Monolítico (2009). O poema “Cirurgia, um ano de pura poesia” integra a obra Continental, a sair.

MARIA CARPI (Guaporé, RS, 1939) é professora, advogada e defensora pública. É autora de Nos Gerais da Dor, Vidência e Acaso, Desiderium Desideravi e Os Cantares da Semente (Ed. Movimento/RS); O Caderno das Águas (WS

Editor/RS), A Migalha e a Fome (Ed. Vozes/RJ), A Força de Não Ter Força (Ed. Escrituras/SP), As Sombras da Vinha, O Herói Desvalido e O Perdão Imperdoável (Ed. Bertrand do Brasil/RJ), Abraão e a Encarnação do Verbo, A Chama Azul e O Senhor das Matemáticas (Ed. AGE/RS); o livro Vidência e Acaso teve uma segunda edição, pela Editora HCE/RS. Em 2016, lançou dois livros pela Editora Ar do Tempo/RS, O Cego e a Natureza Morta e O Desvario do Pólen. Em 2017, pela Editora Belas Letras, foi editado o livro Tudo o que é belo é efêmero, e em 2018, quando Patrona da 64ª Feira do Livro de Porto Alegre, lançou o livro Uma Casa no Pampa, pela Editora Ar do tempo. Em 2019, lançou o livro O que resta está por vir (Ed. AGE). Entre os diversos prêmios, obteve o Prêmio Revelação Poesia/1990 da Associação Paulista dos Críticos de Arte, por seu livro de estreia, Nos Gerais da Dor, depois traduzido por Brunello de Cusatis e editado na Itália, por Morlacchi Editore, sob o título Nel Dolore Sconfinato. Os livros A Chama Azul, sobre Joana D’Arc (com tradução de Helena Ferreira) e O Herói Desvalido (edição bilíngue com tradução de Helena Ferreira e Sandrine Pot) foram publicados na França, por Les Arêtes Editions, com os títulos La Flamme Bleue e Le Héros Malgré Lui. Seus poemas foram incluídos em A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo, de Nelly Novaes Coelho, Editora Siciliano/SP. Tem participado de antologias de poesia e em

revistas especializadas. Foi Conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente representando a Defensoria Pública e, depois, a OAB/RS. É membro do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul e representou, por dois anos, a Associação dos Escritores Gaúchos no Conselho Estadual de Cultura.

MARIA HELENA WEBER (Caixas do Sul, RS, 1951) publicou poesias no objeto Âmbula – a Caixa, com Heloisa Schneiders e Humberto Vieira, premiado pela Funarte em 1982; no livro Derrapagens (1995) e criou o poema A Voz do Brasil para o show-teatro de Geraldo Flach (1981). Contista publicou Memórias na Pele (1989); Mulheres da Vida (2008), em coautoria com Cristina Rosa e a obra Na Língua Delas (2018). Participou de coletâneas e cabe destacar os contos Luzia à l’arôme de limonade, publicado no Jornal Almaghrib (Marrocos, 1990) e Rita, sobre o destino de Martileide, uma das histórias do filme Mulheres do Brasil (2006), dirigido por Malu de Martino. Também criou textos infantis e crônicas. Como professora da UFRGS e pesquisadora do campo comunicação política, publicou vários artigos e organizou publicações, especialmente, Comunicação Pública e Política – práticas e pesquisa (2017), com M. Coelho e C. Locatelli e autora de Comunicação e Espetáculos da Política (2000).

MARIAM PESSAH (Buenos Aires, Argentina, 1968) é escritora, poeta, ARTivista feminista e fotógrafa desativada, graduada em Escrita criativa pela PUCRS. Publicou seu primeiro livro em 2005, ainda em argentinês, *Malena y el mar*; em 2012, *Amor, placer, rabia y revolución*, e o seu livro mais recente é *Grito de mar* (poemas bilíngues, Editora Taverna, 2019). Participou de várias antologias, como *Las voces de Lilith*, sobre autoras latino-americanas; *Moldes para oxigênio*, organizado pelo professor Luiz Antonio de Assis Brasil; *Antologia poética do Mulherio das letras*; entre outras. Faz três anos que organiza em Porto Alegre – cidade onde vive há 19 anos – o *Sarau das minas*. Um espaço de leituras com o objetivo de visibilizar a literatura de autoria de mulheres. Dá uma Oficina de escrita e criatividade feminiSta e, às vezes, também trabalha como tradutora.

MARÍLIA FLOÔR KOSBY (Arroio Grande, RS, 1984) é poeta e antropóloga. Publicou os livros de poesia *Os baobás do fim do mundo* e *Mugido* [ou diários de uma doula] – este último, finalista do Prêmio Jabuti 2018. É autora do ensaio de antropologia “Nós cultuamos todas as doçuras”: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas, obra contemplada com o Prêmio Açorianos de Literatura 2016 e com o Prêmio Boas Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Brasileiro 2015.

MARIO PIRATA (Porto Alegre, RS, 1957) Poeta & brincadeiro na Estação Primeira do Imaginário. Marmanjo fantasioso, fazedor de sonhos, falador de versos. Catador de ninharias, descascador de histórias. Desde os anos 80, um dos mais atuantes poetas de Porto Alegre. Cursou Filosofia na UFRGS. Participou de cursos na área de dança, teatro, música, psicomotricidade e recreação terapêutica. Começou escrevendo folhetos, fazendo parte da “geração mimeógrafo” dos anos 70. Vem dedicando-se à educação, brincando com crianças, conversando com adolescentes e adultos, apresentando-se em teatros, feiras, congressos, praças, instituições, espaços culturais diversos com a “Aula-espetáculo roda de poesia”. Afora intervenções de cena em trabalhos de teatro, música, saraus e eventos diversificados. Ministra oficinas de poesia e linguagem, para jovens e adultos, onde o trabalho está voltado para o desenvolvimento da linguagem, no caminho do conhecimento e do encantamento. Mario foi patrono/padrinho em inúmeras feiras de escolas e cidades. Participou de inúmeros saraus e encontros de poesia. Realiza oficinas de criatividade. Tem dezoito livros publicados, participações em antologias e publicações diversas, como as agendas “Livro da tribo”. Escreveu “O cavaleiro da mão-de-fogo”, “Arca de Noel”, “O auto de natal do Abelardo”, além do texto “O cisne”, respectivamente, para o grupo de teatro de bonecos A Caixa do Elefante, de

Porto Alegre, e para o grupo Entre Linhas, de Novo Hamburgo. Também realizou “Macunai-mando”, com o músico Marcelo Fornazier; “Sexta em verso”, “Mais do que nunca Poesia”, com Deborah Finocchiaro e “Quando a poesia canta”, com Karine Cunha. O poema “No rastro do sol” integra a obra *Feraflor* (2020).

MARLON PIRES RAMOS (Porto Alegre, RS, 1992), escritor preto poeta, quando escreve é Marlírico. Estuda Letras na UFRGS. Faz parte da produção da *Festipoa Literária* – festival literário de Porto Alegre. Desde 2018 participa da *Balada Literária* em São Paulo. Filho de Maria e Mario. Mas acima de tudo neto da Dona Terezinha. Marlírico (*Escola de Poesia*, 2019) é seu primeiro livro.

MOEMA VILELA (Campo Grande, MS, 1982) é doutora em Escrita Criativa, professora de Escrita Criativa e Letras na PUCRS. Autora de *Dupla vida de Dadá* (Penalux, 2018), *Guernica* (Udumbara, 2017), *Quis dizer* (Udumbara, 2017) e *Ter saudade era bom* (Dublinense, 2014). Publicou contos e poesias também em diversas antologias e revistas literárias.

NATÁLIA PAGOT (Bento Gonçalves, RS, 1995) é licenciada em Ciências Biológicas pela UFRGS. Escritora e educadora, teve sua primeira publicação poética impressa em 2018, num fanzine independente. Em 2019, organizou a

antologia *Vozes da Revolução*, publicada pela Iniciativa Cultural Poetas Vivos e a editora Bestiário. Estudante de teatro, segue escrevendo em seu blog e demais redes sociais.

PAULO NEVES (Porto Alegre, RS, 1947) é tradutor literário e autor de três livros: *Mixagem*, o ouvido musical do Brasil (1985), *viagem*, *espera* (2006) e *rio linguagem* (2020), este último ainda a ser lançado.

PEDRO DZIEDZINSKI (Barra do Ribeiro, RS, 1996) publicou, em 2017, o livro *Frêmito-gênitália* pela editora Le Chien, e *Pealo*, em 2019, pela Ornitorrinco edições. Atualmente reside em Porto Alegre e edita a revista *Rusga*.

PEDRO GONZAGA (Porto Alegre, RS, 1975) é tradutor, poeta e escritor. Autor de oito livros, tem doutorado em literatura pela UFRGS e desenvolve há anos oficinas de escrita criativa.

RAFAEL BÃN JACOBSEN (Porto Alegre, RS, 1981) é físico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pianista e escritor. Publicou os livros *Tempos & Costumes* e *Solenar* (ambos vencedores do Prêmio Açorianos de Literatura) e *Uma leve simetria* (finalista do Prêmio Açorianos e do Prêmio Livro do Ano, da Associação Gaúcha de Escritores). É o atual presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, do Círculo de Pesquisas Literárias de Porto Alegre e da

Academia Rio-Grandense de Letras, entidade da qual é o mais jovem membro e ocupante da Cadeira 29.

RICARDO SILVESTRIN (Porto Alegre, RS, 1963) é poeta. Publicou *Viagem dos olhos*, *Bashô um santo em mim*, *Quase eu*, *Palavra mágica*, *ex,Peri,mental*, *O menos vendido*, *Metal*, *Advogado do Diabo*, *Adversos*, *Typographo*, *Prêt-à-porter* e *Sobre o que*.

RICHARD SERRARIA (Porto Alegre, RS, 1971) é um poeta e cancionista brasileiro. Pesquisador da cultura negra do cone sul da América Meridional, trabalha com o tambor Sopapo há 25 anos. Doutor em Literatura Brasileira pela UFRGS, atua com Bataclã FC, *Alabê Oni* e espetáculos solos experienciando diferentes dimensões de intervocalidades em performances corporais, griotismo e tamboralitura. Tem 8 discos lançados, 2 DVDs, sendo que já atuou em Cuba, Espanha, Argentina, Uruguai e 120 cidades de todos estados do país no Projeto Sonora Brasil, promovido pelo Sesc em 2013/14. Prepara o lançamento do livro *Sopaporiki* para 2020 com a Editora Escola de Poesia, 12 poemas escritos a partir da poética nigeriana dos orikis em que o Sopapo assume a cosmogonia dos 12 orixás do panteão do Batuque de Nação Oyó Idjexá.

ROBERTO SCHMITT-PRYM (Panambi, RS, 1956) foi destaque no Prêmio Habitasul

Revelação Literária 1979 e no Prêmio Habitasul Correio do Povo *Revelação Literária* 1981. Estudou com Charles Kiefer e com Luiz Antonio de Assis Brasil. Participou das antologias *101 que contam* (2004), *Contos de oficina 35* (2005), *brevíssimos!* (2005), *Sem/cem palavras* (2018) e *Outras sem/cem palavras* (2019). Publicou a tradução da obra *Giacomo Joyce* (2012), de James Joyce, *Todos os haicais* (2020), de Ryokan Taigu, e é autor de *Contos vertiginosos* (2012), *sombra silêncio* (2018), onde o vento aumenta a sombra (2018) e *O sacrifício da cavalaria* (2018).

RONALD AUGUSTO (Rio Grande, RS, 1961) é poeta, letrista e crítico de poesia. Formado em Filosofia pela UFRGS. Autor de, entre outros, *Confissões Aplicadas* (2004), *Cair de Costas* (2012), *Decupagens Assim* (2012), *Empresto do Visitante* (2013), *Nem raro nem claro* (2015) e *À Ipásia que o espera* (2016). Dá expediente no blog www.poesia-pau.blogspot.com e escreve no www.sul21.com.br/jornal.

RYAN MAINARDI (Sobradinho, RS, 1987) é escritor, fundador e editor da ornitorrinco edições. Publicou *Palimpsesto* (romance, 2013), *poema limpo* (poesia, 2014), *Metâmeros* (contos, 2016, finalista em *Narrativa Curta* do Prêmio AGES 2017), *Estilhaços* (poesia, 2016), *poemas de isolamento* (poesia, 2018) e *sobre diferentes formas de amar* (contos, 2018).

Copyright © by

Camilo Mattar Raabe
& Diego Grandó

Projeto gráfico
Cassio Mattar Raabe

A distribuição dessa
obra é inteiramente
G R A T U I T A.

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica

Raabe, Camilo Mattar & Grandó, Diego. Porto Alegre:
Editora Figura de Linguagem, 2020, 75 p.

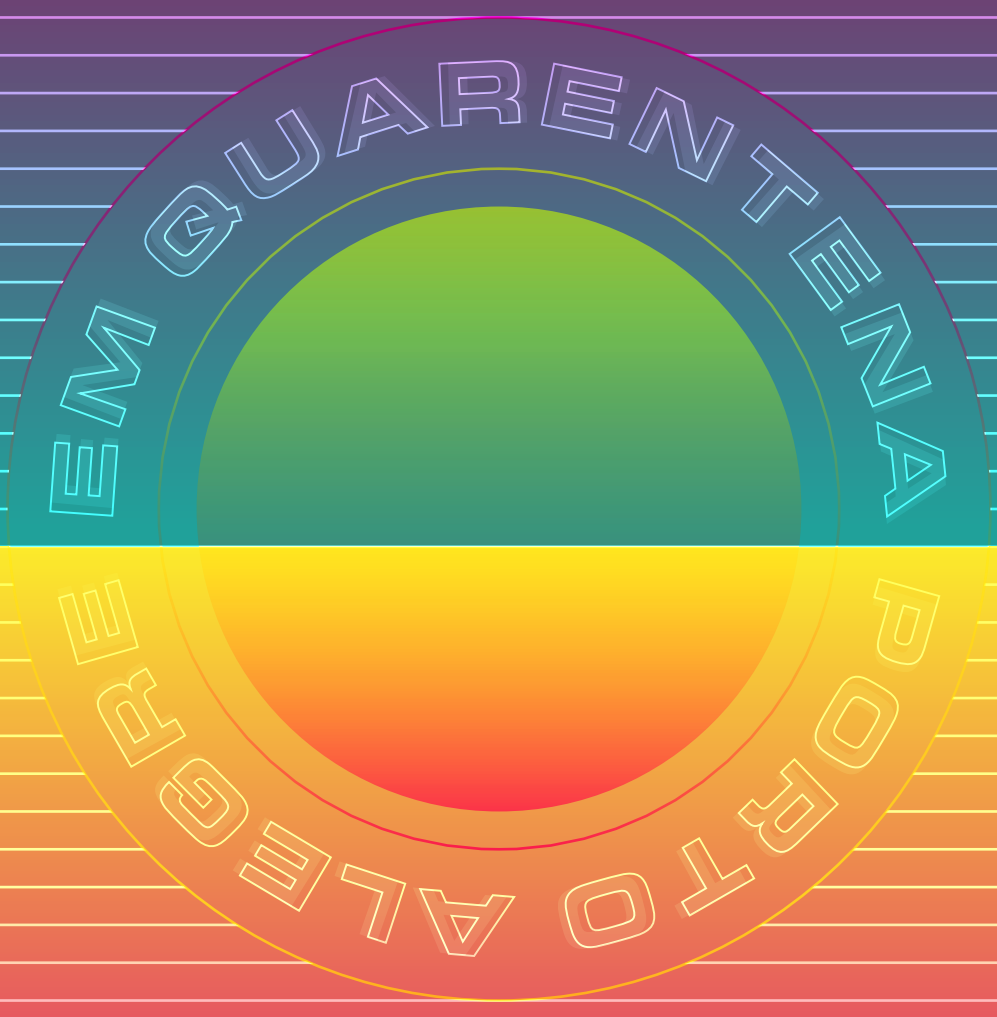
1.Literatura Brasileira 2. Poesia 3.Título

ISBN: 978-65-88942-07-9

Esse livro foi produzido
durante a pandemia de
COVID-19, enquanto o
universo se expandia e a
Amazônia ficava menor.

editorafiguradelinguagem.com





EM QUARENTENA

PORTO ALEGRE